



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

?Os sapos e os pobres cada vez mais longe? : mapas mentais de imaginação etnográfica e patrimônios culturais

Autoria: Geslline Giovana Braga (UFPR - Universidade Federal do Paraná)

Na geografia cultural desenvolveu-se a metodologia dos ?mapas mentais?, na qual as pessoas são convidadas a desenhar seus lugares, a partir da fenomenologia, demarcando aquilo que lhes convém e assinalando suas percepções e emoções diante da paisagens, relevos e construções. No meu estágio pós-doutoral em geografia cultural (UFPR) busco a aplicação dos mapas mentais na antropologia, principalmente direcionados a pesquisa em arquivos no ?momento etnográfico? (Marilyn Strathern) do antropólogo. Imaginando mapas mentais do passado de pessoas e formas de sociabilidade, que não mais existem. Trajetos e roteiros nos mapas são imaginados a partir de dados de pesquisas em arquivos e jornais, com uma linguagem e estética contemporânea, transpondo a noção da verossimilhança da imagem etnográfica, evidenciando a criação e imaginação do pesquisador ao cotejar dados e observar lugares no passado. Neste



traçar (Tim Ingold) é possível pensar como a geograficidade das cidades foi imaginada pelo urbanismo e suas posições ideológicas, diante dos registros deixados, bem como a literatura e a poesia (Andreas Huyssen) consolidaram imaginários sobre as cidades. Diante de tais mapas imaginados de trajetos no passado é possível compreender o que a cidade elegeu como seus patrimônios culturais materiais e imateriais. No caso, de Curitiba os intensos processos de urbanização para conter o charco, no início do século XX, pretendiam e conseguiram afastar sapos, pobres e negros do centro histórico, repaginando a cidade com leis e construções e, assim, se fizeram o patrimônio edificado e os patrimônios imateriais associados a noção de europeidade, onde discursos e prédios edificaram uma dimensão uníssona de patrimônio e cidade. Os mapas mentais apresentados nesta comunicação relembram a cidade a presença de negros, mulheres e operários no centro histórico da cidade, por meio dos lugares e das associações operárias e negras do início do século XX.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: